



“Sabemos que em vossa morte há vida”: reflexões sobre Satã e a morte a partir dos filmes *The Brotherhood of Satan* (1971) e *The Devil’s Rain* (1975)

“We know that in thy death is life”: considerations about Satan and death in the films *The Brotherhood of Satan* (1971) and *The Devil’s Rain* (1975)

Rafaela Arienti Barbieri¹

Resumo: O presente trabalho intenciona discutir como Satã e a morte estão representadas nos filmes *The Brotherhood of Satan* (1971) e *The Devil’s Rain* (1975). As produções dialogam com o contexto estadunidense das décadas de 1960 e 1970, nas quais o Satanismo religioso organiza-se formalmente e apreende Satã enquanto figura de identificação, real ou simbólica. Parte-se, portanto, das discussões conceituais e contextuais sobre Satanismo para problematizar tais filmes do gênero do terror.

Palavras-chave: Cinema; Satanismo; História; Terror.

Abstract: The present work intends to discuss how Satan and death are represented in the films *The Brotherhood of Satan* (1971) and *The Devil’s Rain* (1975). The productions dialogue with the american context of the 1960s and 1970s, in which religious Satanism is formally organized and apprehend Satan as a figure of identification, real or symbolic. Therefore, our study is based on the conceptual and contextual discussions about Satanism to problematize such films that belong to the horror genre.

Keywords: Cinema; Satanism; History; Horror.

Introdução

Um conjunto de gritos desesperados povoam a cena, dentro e fora de quadro², misturados com uma música lírica crescente, em consonância com a violência das figuras encapuzadas que distribuem morte com suas espadas negras. Uma morte desejada e ritualmente preparada, em um espaço e tempo distintos do profano e devidamente construídos pelo Sacerdote Doc. Duncan (Strother Martin), liderando o ritual ao Príncipe das Trevas: “Saudações, caro. Somos nós. [...] Poder de todos os poderes, com toda admiração e súplica nós imploramos pelo dom que nos manteve convosco por todos esses séculos. É possível, outra vez, construir aquela ponte que conecta os dois mundos da vida e da morte? (THE BROTHERHOOD OF SATAN, 1971, 01:13:23, tradução nossa).³

O grupo disposto a passar pela morte ritual dedica uma veneração ao Príncipe das Trevas. Seus medos e gritos apresentam-se ao lado de sorrisos, pois para eles a vida terrena irá continuar. Prestes a ser morto (imagem 01), o Sacerdote clama: “Sabemos

¹ Doutoranda em História (UFSC). Mestre em História (UEM-2018). Graduada em História (UEM-2016). Durante o mestrado, trabalhou com as representações do Satanismo e alucinógenos a partir do filme *O bebê de Rosemary* (1968) e fez parte do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR/UEM). Atualmente desenvolve pesquisa sobre cinema de terror na década de 1970, especificamente com filmes que representam Satanismo, e faz parte do Núcleo de Estudos de História e Cinema (NEHCINE/UFSC).

² Segundo Rodrigo Carreiro (2011): “Muitos cineastas exploram essa característica da recepção do som cinematográfico através do uso de sons fora de quadro. Eles utilizam efeitos sonoros e músicas para mobilizar afetivamente os espectadores” (CARREIRO, 2011, p. 47).

³ “Greeting, dear one. Tis we. [...] Power of all powers with awe and supplication we bag and plead the gift that has kept with you for lo these many centuries. Is it possible, yet again, to build that bridge that connects the two worlds of life and death?” (THE BROTHERHOOD OF SATAN, 1971, 01:13:23). Todas as traduções feitas nesse documento são de minha autoria.

que em vossa morte há vida” (THE BROTHERHOOD OF SATAN, 1971, 01:28:53).⁴ Tais sequências⁵ encontram-se no filme *The Brothehood of Satan*, dirigido por Bernard McEveety e lançado pela Columbia Pictures em 1971. Apesar de não mostrar o nomeado Príncipe efetivamente, a produção constantemente constrói suas características e dialoga com a percepção disponível ao nível contextual. Satã, o Diabo e Lúcifer são figuras apropriadas positivamente por grupos Satanistas no decorrer das décadas de 1960 e 1970, influenciado o cinema de terror do período no qual tais grupos, Satã e suas outras denominações podem ser identificados.



Imagem 01: o Sacerdote prestes a passar pela morte ritual em *The Brotherhood of Satan* (1971).

Disponível: THE BROTHERHOOD OF SATAN. Dirigido por Bernard McEveety. Roteiro de L.Q. Jones e Sean MacGregor. USA. Produzido por Columbia Pictures Corporation, Four Star Excelsior e LQ/JAF. Dist. Columbia Pictures Corporation, 1971, (92 min.), 01:28:54

Um grupo que direciona uma veneração a Satã também está presente em *The Devil's Rain* (1975), dirigido por Robert Fuest e lançado pela Sandy Howard Productions. Nesse caso, Satã se manifesta (imagem 02) durante um ritual liderado pelo Sacerdote Corbis (Ernest Borgnine), ao lado de Anton LaVey. Durante a noite, um canto em Enoquiano⁶ é entoado pelo grupo, vestido em túnicas pretas e disposto ao lado de rochas no deserto. O Sacerdote invoca Satã: “Ouça-me senhor da vida eterna. Eu, Jonathan Corbis, peço para me deixar ser sua voz na terra. [...] Salve, oh Príncipe do Abismo. Em seu nome, deixe-nos contemplar o Pai, a força do Sol, a lua, as estrelas. Salve, o imortal” (THE DEVIL'S RAIN, 1975, 00:55:53).⁷ Em seguida, Satã manifesta-se conforme a imagem abaixo:

Em ambas as produções, identifica-se uma preocupação dos personagens com o prolongamento da vida terrena, especificamente aqueles que direcionam uma veneração à Satã, formando um grupo com práticas rituais, hierarquia, normas, indumentária específica e, em alguns casos, realizando críticas contextuais semelhantes às do Satanismo das décadas de 1960 e 1970. Porém, se o Satanismo do período se opõe

⁴ “We know that in thy death is life” (THE BRTHERHOOD OF SATAN, 1971, 01:28:53).

⁵ Ismail Xavier (2005) auxilia a compreender o que são cenas e sequências: “[...] costumou-se dizer que um filme é constituído de sequências – unidades menores dentro dele, marcadas por sua função dramática e/ou pela sua posição na narrativa. Cada sequência seria constituída de cenas – cada uma das partes dotadas de unidade espaço-temporal” (XAVIER, 2005, p. 27).

⁶ No século XIX, a *Hermetic Order of the Golden Dawn* organizou uma versão das Chaves Enoquianas. Posteriormente, Aleister Crowley publicou a versão em sua revista *The Equinox* e Anton Lavey, na *The Satanic Bible*. LaVey aproxima a sonoridade do Enoquiano ao árabe, hebraico e Latim, (LAVEY, 1972 [1969], p. 178): “In Enochian the meaning of the words, combined with the quality of the words, unite to create a pattern of sound which can cause tremendous reaction in the atmosphere. The barbaric tonal qualities of this language give it a truly magical effect which cannot be described” (LAVEY, 2005 [1969], p. 110).

⁷ “Hear me, oh Lord of Life everlasting. I, Jonathan Corbis, petition thee to let me be thy voice on Earth. [...] Hail, oh prince of the abyss. In thy name, let us behold the father. The ram of the sun, the moon, the stars. Hail, oh deathless one” (THE DEVIL'S RAIN, 1975, 00:55:53).

às denominadas “religiões do espírito”, que negligenciariam o terreno, o corpo e os prazeres, preocupando-se demasiadamente com o pós vida, cabe questionar porque os Satanistas dos filmes citados aparentam estar preocupados justamente com isso: como os Satanistas dessas narrativas lidam com a morte, apreendem Satã, e qual o vínculo dessas percepções com seu contexto de produção?



Imagem 02: Satã em *The Devil's Rain* (1975).

Disponível: *THE DEVIL'S RAIN*. Dirigido por Robert Fuest. Roteiro de Gabe Essoe, James Ashton e Gerald Hopman. USA/MEX. Produzido por Sandy Howard Productions. Dist. Ryanston Distributing, 1974, (86 min.), 00:56:19.

Satanismo nos Estados Unidos 1960 e 1970

Se os filmes falam sobre seu tempo, dialogam com o horizonte social de seu período de produção, são construídos “[...] por suas relações internas e pelas relações que mantém com sua situação social e histórica” (KELLNER, 2001, p. 130), as produções aqui destacadas não escapam a isso. Problematizadas enquanto fonte, trazem discussões relativas ao seu contexto religioso, social e político. O Satanismo é parte dessa dinâmica contextual, frequentemente ignorado em estudos acadêmicos enquanto uma prática religiosa digna de atenção.⁸

O Satanismo organiza-se formalmente pela primeira vez em 1966 nos Estados Unidos com a *Church of Satan* de Anton LaVey, realizando uma leitura positiva de Satã enquanto símbolo de oposição, de revolta e fomentando uma das formas de Satanismo categorizadas por Jesper Aa. Petersen (2009; 2013; 2016) e Massimo Introvigne (2016) como *Rationalist Satanism*⁹: “o tipo racionalista indica o uso de Satã como um símbolo de não-conformidade e sabedoria material em uma luta pela indulgência e existência vital, como encontrada decididamente em Anton LaVey e esta mundana *Church of Satan* e seus descendentes. (PETERSEN, 2013, p. 168).¹⁰

Tal percepção de Satã durante o período é viabilizada, segundo Ruben Van Luijk (2016) por um processo contínuo de interação entre atribuição e identificação, “[...]”

⁸ Um dos autores que discute tal problema é Jesper Aa. Petersen: “What Satanism is and is not occupies both scholars and informants. Through a discussion of three stages of academic reinterpretation, the boundary-work of the academic study of Satanism is uncovered. The first stage of de-demonization is dividing the cultural narratives of evil from self-ascribed Satanism. The second stage of sanitization is positing the organized and. non-threatening aspects of Satanism adopted from specific satanic groups as Satanism as such. The third stage of heterogenization is returning to an understanding of the subject based on plurality and fluidity to better examine the polyvocality of Satanism today. By showing the blind spots of Satanism studies, we can address the field in novel ways” (PETERSEN, 2009, p. 161).

⁹ Outras formas de Satanismo identificadas por Petersen (2009; 2013) são denominadas de *Esoteric Satanism* e *Reactive Satanism*, enquanto Introvigne (2016) delimita o *Folk Satanism* e *Occult Satanism*.

¹⁰ “The rationalist type points to the use of Satan as a symbol for non-conformity and material wisdom in a strive for indulgence and vital existence, as found in Anton LaVey’s decidedly this worldly *Church of Satan* and descendants” (PETERSEN, 2013, p. 168).

sendo a atribuição o mecanismo de atribuir a prática de Satanismo a outros; identificação é identificar-se com o conceito de Satanismo, ou com a figura de Satã, ou ambos” (LUIJK, 2013, p. 41).¹¹ O primeiro momento de transição entre tais mecanismos é definido, não somente por este autor, no *Romantic Satanism*¹², um movimento literário de fins do século XVIII e início do XIX que, influenciado pelo anjo caído de John Milton em *Paraíso Perdido* (1667), realiza uma releitura positiva de Satã, percebido não apenas enquanto uma figura de medo, mas também de identificação (LUIJK, 2013; 2016, PETERSEN, 2009; 2013; 2016; FAXNELD, 2013; LEWIS, 2016; DYRENDAL, 2016)¹³.

Considerando tais discussões, os autores delimitam algumas definições de Satanismo. Petersen destaca que é preciso compreendê-lo como “Pós-Cristão”¹⁴ uma “[...] complexa negociação entre ateísmo, secularismo, esoterismo, religiões do self na modernidade, através de um duplo movimento de delimitações negativas de identidade (estranhamento do “outro”), e construções positivas de identidade (afinidade, alteridade e apropriação)” (PETERSEN, 2009, p. 17).¹⁵ Luijk, por sua vez, questiona o uso de termos como “adoração” ou “culto” para descrever a relação dos grupos com Satã, escolhendo pensar uma “[...] intencional, religiosa e motivada veneração de Satã” (LUIJK, 2016, p. 05)¹⁶. Por sua vez, a organização, delimitação de hierarquia, práticas rituais, litúrgicas e o culto à Satã ou Lúcifer, são elementos definidores na análise de Introvigne. Para a primeira parte de sua definição, Satã pode ser percebido de forma pessoal ou impessoal, real ou simbólico, não importando “[...] se o grupo tenta voltar de uma imagem Judaico-Cristã de Satã ou Lúcifer para uma encontrada em religiões e culturas diferentes ou mais antigas. Enquanto usar o nome Satã e Lúcifer, ainda está dentro de minha definição de Satanismo. (INTROVIGNE, 2016, p. 03).¹⁷

Satanismo, Satã e a morte

A partir dessas definições de Satanismo, é possível pensar tanto o contexto das décadas de 1960 e 1970, quanto perceber os grupos representados nos filmes citados enquanto Satanistas, na medida em que direcionam uma veneração consciente e voluntária à Satã e ao Príncipe das Trevas, organizada hierarquicamente e com práticas rituais específicas. Ao nível contextual, o Satanismo da *Church of Satan* é um marco no

¹¹ “[...] attribution being the mechanism of attributing the practice of Satanism to others; identification that of identifying oneself with the concept of Satanism, or the figure of Satan, or both” (LUIJK, 2013, p. 41).

¹² Satanismo Romântico.

¹³ Per Faxneld explora em seu livro *Satanic Feminism: Lucifer as the liberator of women in the nineteenth-century culture* (2017) trabalha com as reverberações dessa discussão no período compreendido ente 1880-1910 no qual localiza o denominado *Satanic Feminism*: “The late nineteenth and early twentieth century: A world-leading female esotericist, whose books sell hundreds of thousands of copies, designates Lucifer the bringer of enlightenment. In Paris, a lesbian poetess publishes a volume where she praises Satan as the creator of womankind as well as the inspirer of feminine poetry and love between women” (FAXNELD, 2017, s/p.).

¹⁴ Petersen reforça essa ideia em diversas obras, sendo que recentemente, no documentário *Hail Satan!* (2019) volta a tocar no tema: “to say that a Satanist is Anti-Christian is, again, a half truth. They are anti-Christian in the sense that they are post-Christian. They’ve actually left Christianity and. They are taking Satan with them” (PETERSEN IN: HAIL SATAN, 2019, 01:00:38).

¹⁵ “[...] contemporary religious satanism in its’ many guises should be understood as a complex negotiation of atheism, secularism, esotericism and self: a self-religion in the modern age. through the double move of negative delimitations of identity (estrangement or “othering”), and positive constructions of identity (affinity, alterity and appropriation)” (PETERSEN, 2009, p. 17).

¹⁶ “intentional, religiously motivated veneration of Satan” (LUIJK, 2016, p. 05).

¹⁷ “[...] it does not matter how each Satanist group perceives Satan, as personal or impersonal, real or symbolical. Nor does it matter whether the group tries to go back from a Judeo-Christian image of Satan or Lucifer to one found in different or older religions and cultures. As long as it uses the names Satan and Lucifer, it is still within my definition of Satanism” (INTROVIGNE, 2016, p. 03).

processo histórico articulado pelos autores, na medida em que conseguiu perdurar uma tradição do Satanismo, sendo que os grupos posteriores possuem relações diretas ou indiretas com o mesmo (LUIJK, 2016, p. 305). Analisando a *The Satanic Bible*¹⁸ publicada por LaVey em 1969, Amina Olander Lap (2013) destaca: “a primeira sessão, O Livro de Satã, é uma diatribe anticristã que serve como um poderoso ataque à Cristandade e à moral Cristã” (LAP, 2013, p. 85).¹⁹ Tal posicionamento de LaVey é visível no decorrer do livro, no qual enfatiza uma incoerência entre a prática e crença cristãs:

Se tantas religiões têm negado suas próprias escrituras porque estão desatualizadas e pregando as filosofias do Satanismo, por que não as chamar por seu legítimo nome – Satanismo? Certamente, isso seria muitíssimo menos hipócrita. (LAVEY, 2005 [1969], p. 45).²⁰

Problematizando uma demonização da natureza humana, da sexualidade, do sentimento de culpa e criticando as novas propostas sexuais propostas pela contracultura, LaVey também argumenta: “a vida é a grande indulgência – a morte, a maior abstinência. Portanto, faça o melhor da vida – AQUI E AGORA!” (LAVEY, 2005 [1969], p. 37).²¹ Em outra passagem, permanece defendendo seu posicionamento: “abençoados sejam os desafiadores da morte, pois seus dias serão longos na terra – Malditos os que olham para uma vida rica após a sepultura, pois perecerão em meio a abundância” (LAVEY, 2005 [1969], p. 38).²²

Se a *Church of Satan* defende que “[...] não é uma religião de luz branca; é uma religião da carne, do mundano” (LAVEY, 1976 [1969], p. 47)²³, é coerente que os grupos dos filmes preocupem-se com o prolongamento da vida terrena e de seus prazeres. Conforme Dame Alice (Helene Winston): “graciosa é a luz de seu semblante, e seu serviço, um doce serviço de prazer” (THE BROTHERHOOD OF SATAN, 1971, 00:42:49).²⁴ Utilizando-se de símbolos como o *Ankh*, já presente na capa do filme de McEvvety (e na imagem 03), nota-se a indicação de uma discussão sobre a morte. Segundo Jean Chevalier (1986), a cruz é empregada na iconografia egípcia como o símbolo “[...] de milhões de anos de vida futura. Seu círculo é a imagem perfeita do que não tem começo nem fim. [...] é verdadeiramente a chave que abre as portas da tumba [...] ao mundo da eternidade” (CHEVALIER, 1986, p. 105)²⁵.

¹⁸ A Bíblia de Satã.

¹⁹ “the first section, The Book of Satan, is an anti-Christian diatribe that serves as a powerful attack on Christianity and Christian morality” (LAP, 2013, p. 85).

²⁰ “If many religions are denying their own scriptures because they are out of date, and are preaching the philosophies of Satanism, why not call it by its rightful name—Satanism? Certainly it would be far less hypocritical” (LAVEY, 2005 [1969], p. 45).

²¹ “Life is the great indulgence—death, the great abstinence. Therefore, make the most of life—HERE AND NOW” (LAVEY, 2005 [1969], p. 37).

²² “Blessed are the death-defiant, for their days shall be long in the land—Cursed are the gazers toward a richer life beyond the grave, for they shall perish amidst plenty!” (LAVEY, 2005 [1969], p. 38).

²³ “[...] is not a white light religion; it is a religion of the flesh, the mundane” (LAVEY, 2005 [1969], p. 47).

²⁴ “gracious is the light of your countenance, and your service, a sweet service of delight” (THE BROTHERHOOD OF SATAN, 1971, 00:42:49).

²⁵ “[...] de millones de años de vida futura. Su círculo es la imagen perfecta de lo que no tiene ni comienzo, ni fin. [...] es verdaderamente la clave que abre la puerta de la tumba [...] al mundo de la eternidad” (CHEVALIER, 1986, p. 105).



Imagem 03: Ankh utilizado como símbolo pelos Satanistas de *The Brotherhood of Satan* (1971)
Disponível: https://avxhm.se/video/The_Brotherhood_of_Satan_1971_bdrip_720p.html Acesso: 03/10/2019.

O gesto é um dos elementos que viabiliza a comunicação do grupo com o que consideram sagrado, presente durante os rituais e construindo uma dinâmica com o corpo daqueles que o praticam. Durante o julgamento de Dame Alice, o Sacerdote ajoelha-se e direciona a palma de suas mãos para cima, enquanto o restante do grupo, disposto em uma meia lua em torno de Alice, posiciona suas mãos para baixo. Segundo Michel de Certeau (2006), os gestos constituem um espaço de comunicação com o sagrado, “a oração organiza tais espaços com os gestos, que são suas dimensões a um lugar e uma orientação religiosa ao homem [...] é o homem em oração, como uma árvore entre o céu e a terra” (CERTEAU, 2006, p. 33; 34)²⁶.

No auge do ritual os Satanistas gritam e suplicam para seu mestre, prestes a sacrificarem-se e serem mortos ritualmente; ofertam algo à divindade para consolidar uma troca: “afogue nossa inútil idade em sangue” (THE BROTHERHOOD OF SATAN, 1971, 01:27:38).²⁷ A cena, que utiliza-se de violência e sangue explicitamente, apenas pode fazê-lo em decorrência do enfraquecimento do Código de Produção já em fins da década de 1960, o qual, anteriormente, buscava impedir que “[...] a que a simpatia do público fosse dirigida para o lado do crime, do erro, do mal e do pecado. [...] a exposição de violência era limitada ao máximo” (NAZÁRIO, 2007, p. 97).

Em 1971, o grupo Satanista escolhe corpos de crianças para habitar depois do ritual e permanecer usufruindo do mundo terreno. São elas que, inclusive, inauguram o filme, utilizando um tanque de guerra para matar sua família. Mais à frente na narrativa, outras crianças observam distantemente o assassinato de seus pais dentro de casa. Sobre a presença de tal faixa etária nos filmes de terror do período, Robert Muchembled (2001) argumenta:

Como se tal coisa assinalasse a dificuldade na transmissão de papéis no seio de uma sociedade tumultuada, bem como uma intensa culpa das gerações adultas, pelo mundo em ruínas que eles imaginavam estar deixando a seus sucessores e que devia necessariamente desencadear contra eles o ódio de seus herdeiros (MUCHEMBLED, 2001, p. 325).

Os Satanistas dos filmes desafiam a morte, clamam por sua carne, pelos prazeres e por sua vida terrena dirigindo uma veneração à Satã. Em *The Devil's Rain*, o grupo desafia a morte de uma forma um tanto paradoxal. Corbis, “Ministro de Satã da terra” (THE DEVIL'S RAIN, 1975, 00:45:40)²⁸, foi morto junto com outros membros do grupo durante o período que remete ao século XVII e aos processos de Salem já nas colônias americanas. Antes de ser queimado na fogueira, o personagem, que não aparenta ter

²⁶ “la oración organiza tales espacios con los gestos que dan sus dimensiones a un lugar y una “orientación” religiosa al hombre” [...] “es el hombre en oración, como un árbol entre cielo y tierra” (CERTEAU, 2006, p. 33; 34).

²⁷ “Drown our useless age in blood” (THE BROTHERHOOD OF SATAN, 1971, 01:27:38).

²⁸ “satan's minister on earth” (THE DEVIL'S RAIN, 1975, 00:45:40).

medo da morte e assim como Doc. Duncan, sorri, desafia seu executor: “Pensa que vai destruir algo mais forte que a vida, ao acabar com a vida? Assim como o galo cantará na madrugada depois que meu corpo queimar, assim também o sol nascerá e lançará minha sombra sobre esta cidade” (THE DEVIL’S RAIN, 1975, 00:48:55).²⁹

Antes de ser queimado, Corbis entrega à uma criança os instrumentos que garantiram sua sobrevivência até o presente. Ele e seu grupo habitam corpos de cera, buscando o livro perdido no qual firmaram seu pacto com Satã. Os Satanistas residem em uma antiga cidade mineira, Redstone, “[...] lugar abandonado por Deus” (THE DEVIL’S RAIN, 1975, 00:08:36), onde performam rituais em uma Igreja (imagem 04), cujas paredes internas são pretas e as janelas fechadas impedem a entrada de luz. Uma grande cruz invertida está disposta centralmente sobre um altar de pedra. Ao fundo, a face do Bode de Mendes no centro de um pentagrama localiza-se em um vitral avermelhado³⁰.

Os Satanistas estão sentados, vestidos em mantos pretos e falando em Enoquiano. Um órgão é tocado e o Sacerdote entra em cena: “In Nomine Dei Nostri Satanas Luciferi Excelsi” (THE DEVIL’S RAIN, 1975, 00:23:06) diz Corbis, vestido em uma túnica vermelha e portando um colar no qual o Bode novamente está presente. Ele faz o sinal dos chifres e guia o ritual, desafiando a crença de Mark Preston (William Shatner): “Em nome de Satã, Soberano da terra. Rei do mundo, eu comando que as Forças. das Trevas concedam seu poder infernal sobre... ascendam do abismo, abram as imensas portas do inferno. Você me saúda como irmão e amigo. Eu convoco os deuses do abismo” (THE DEVIL’S RAIN, 1975, 00:23:11).³¹

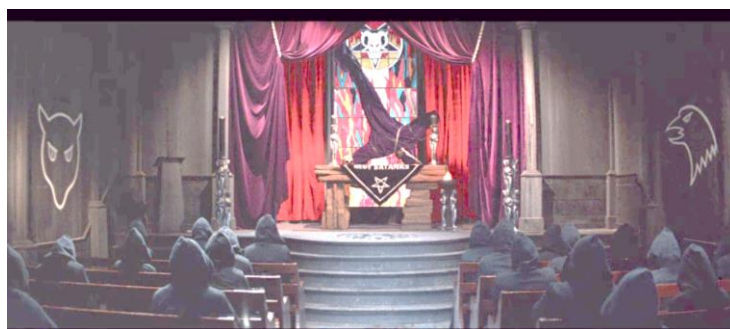


Imagem 04: O ambiente de ritual em *The Devil's Rain* (1975) Disponível: THE DEVIL'S RAIN. Dirigido por Robert Fuest. Roteiro de Gabe Essoe, James Ashton e Gerald Hopman. USA/MEX. Produzido por Sandy Howard Productions. Dist. Ryanston Distributing, 1974, (86 min.), 00:21:20.

As palavras do Sacerdote podem ser encontradas na *The Satanic Bible* citada anteriormente, especificamente no *Book of Leviathan*, que contém os rituais em Enoquiano. O filme utiliza a Invocação à Satã, conforme as primeiras palavras do Sacerdote:

In nomine Dei nostri Satanas Luciferi excelsi! Em nome de Satã, o Soberano da terra, o Rei do mundo, eu comando que as forças das Trevas concedam seu poder infernal sobre mim! Abram as imensas

²⁹ “Think ye to destroy something stronger than life? By ending life? As the cock will crow in dawn after my body burns, so too will the sun rise and cast my shadow over this town” (THE DEVIL’S RAIN, 1975, 00:48:55).

³⁰ O cuidado com a preparação do ambiente ritual e a especificação dos elementos que devem estar presentes são encontradas no “Book of Belial”, presente na *The Satanic Bible*. Várias das instruções do livro são também seguidas pelo filme de Robert. Fuest, que conta com a participação de Anton LaVey como Consultor técnico. Disponível: https://www.imdb.com/title/tt0072869/fullcredits/?ref_=tt_ov_st_sm Acesso:05/10/2019.

³¹ in the name of Satan, rule of the earth. King of the world, I command the forces of Darkness to bestow their infernal power upon... come forth from the abyss, open wide gates of hell. You greet me as your brother and friend. I call the gods of the pit” (THE DEVIL’S RAIN, 1975, 00:23:11).

portas do Inferno e ascendam do abismo para me saudar como seu irmão (irmã) e amigo” (LAVEY, 2005 [1969], p. 105, grifos nossos)³².

A utilização da Primeira Chave Enoquiana é perceptível na fala ritmada dos Satanistas que ecoa pelo ambiente, sendo possível identificar trechos como “zodonurenusagi [...] Zodacare, eca, od zodameranu! odo cicale Qaa; zodoreje, lape zodiredo Noco Mada” (LAVEY, 2005 [1969], p. 111). A tradução da linguagem localiza-se em seguida no livro de LaVey: “Mova-se, portanto, e apareça. Liberte os mistérios de sua criação! Seja amigável comigo, pois eu sou o mesmo! – o verdadeiro adorador do mais alto e inefável Rei do Inferno” (LAVEY, 2005 [1969], p. 111).³³ Retornando à cena, Mark, cuja crença cristã é desafiada, interrompe o ritual, levanta-se e ora para seu deus. Ao sentir-se ameaçado, saca uma arma e atira no peito de um dos Satanistas, que jorra cera no chão. Olhando para a arma nas mãos de Mark, Corbis questiona-o com um sorriso: “essa é sua fé?” (THE DEVIL’S RAIN, 1975, 00:25:37).

Na sequência iniciada em 00:52:33, o grupo performa um ritual a noite, em um ambiente aberto, ao lado de um rochedo. O Enoquiano novamente compõe o ritual. Satã é invocado no corpo de Corbis (imagem 02) na fala anteriormente destacada que se aproxima da percepção do Satanismo teísta³⁴. Sua imagem faz-se presente com chifres e pelos no queixo, lembrando a aparência de um bode. Cabe destacar a descontinuidade da imagem do Diabo, Satã e Lúcifer, termos que muitas vezes referem-se ao mesmo ser, ora intercambiáveis, ora não, como aborda Luther Link (1998), segundo o qual dos séculos III ao IV, a falta de uma tradição pictórica “[...] combinada a fontes literárias que confundiam o Diabo, Satã, Lúcifer e demônios, são razões importantes para a ausência de uma imagem unificada do Diabo e da iconografia irregular” (LINK, 1998, p. 53). Pã e os sátiros são utilizados como referência na constituição dessa imagem:

Jerônimo chamou os sátiros e faunos de símbolos do Diabo, demônios lascivos, e quando Isaías descreveu a Babilônia em ruínas como um lugar onde dançavam “peludos” [...] Jerônimo interpretou isso como uma referência aos sátiros [...]. “Peludo” ou “bode” também é correntemente traduzido como “diabos” em Levítico 17,7 e II Crônicas 11, 15. Cinco características comuns do Diabo derivam do clássico Pã: chifres, cascos, orelhas, rabo e parte inferior do corpo peluda. (LINK, 1998, p. 54).

Satã é a nomeação da narrativa cinematográfica àquele que se manifesta no ritual e/ou é venerado pelos grupos em questão, sendo o conjunto de suas características resultado da combinação de diferentes tradições e características atribuídas historicamente ao Diabo, como é possível perceber na citação acima destacada. “Apresente-te a ele” (THE DEVIL’S RAIN, 1975, 00:26:20)³⁵ clama Corbis para Satã, que se manifesta como uma serpente enrolada no pescoço de Mark: “Satã tornou-se o nome do Diabo na equação *satan = diabolos*, que é especificamente mencionada em Apocalipse (12,9): “E o grande

³² “In nomine Dei nostri Satanas Luciferi excelsi! In the name of Satan, the Ruler of the earth, the King of the world, I command the forces of Darkness to bestow their Infernal power upon me! Open wide the gates of Hell and come forth from the abyss to greet me as your brother (sister) and friend!” (LAVEY, 2005 [1969], p. 105).

³³ “Move therefore, and appear! Open the mysteries of your creation! Be friendly unto me, for I am the same!—the true worshipper of the highest and ineffable King of Hell!” (LAVEY, 2005 [1969], p. 111).

³⁴ Petersen argumenta sobre uma retomada de Satã em termos platônicos pelo que denomina enquanto *Esoteric Satanism*: “Esoteric satanism is more explicitly theistically oriented and uses the esoteric traditions of paganism, Western esotericism, Buddhism and Hinduism, among others, to formulate a religion of self-actualization. examples include the Temple of Set and the Dark Doctrines of the Satanic Reds. The understanding of Satan is usually clothed in platonic or mystical terms” (PETERSEN, 2009, p. 07).

³⁵ “Present thyself to him” (THE DEVIL’S RAIN, 1975, 00:26:20).

dragão foi expulso, a velha serpente, chamada Diabo [*diabolos*] e Satã” (LINK, 1998, p. 27). Referências a Lúcifer, nesse caso, podem ser identificadas quando o Sacerdote invoca Satã: “Salve, oh Príncipe do Abismo. Em seu nome, deixe-nos contemplar o Pai, a força do Sol, a lua, as estrelas. Salve, oh imortal” (THE DEVIL’S RAIN, 1975, 00:55:53).³⁶ A luz é um elemento também mencionado, sendo que

a identificação de Lúcifer com Satã vem de Isaías (14, 12): “Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da alva!” [...] suas palavras passaram significar uma referência ao longo de quatro etapas: um rei tirânico é descrito em uma metáfora (o rei = uma estrela brilhante); a expressão hebraica (*helel bem sahar* = o que brilha) ou a grega *eosophorus* são traduzidas para o latim como a estrela da manhã, Lúcifer, posteriormente o rei tirânico é identificado com o Diabo; ergo Lúcifer torna-se outro nome para o Diabo. (LINK, 1998, p. 28-29).

Satã, o anjo rebelde, é Lúcifer grotesco após sua queda devido ao orgulho: “[...] quase todas as pinturas e manuscritos iluminados da Idade Média e Renascença mostram um Satã hediondo” (LINK, 1998, p. 32). Portanto, Satã é aquele referenciado nos filmes, mas também possui características atribuídas a Lúcifer e ao Diabo. Pensando no próprio título *The Devil’s Rain*, é possível destacar outra passagem de Link: “[...] a forma da palavra inglesa *devil* provém do latim *diabolus*. Mas o significado de *diabo* deriva de palavras diferentes em hebreu, grego e latim – *satan*, *diabolos* e *diabolus*” (LINK, 1998, p. 23-24).

Conclusões

Ao trazer à tona as discussões sobre Satã enquanto uma figura de identificação, perceptível nas películas abordadas e no contexto histórico no qual são produzidas, o presente trabalho não intenciona fechar o debate acerca de tais temas. As percepções de Satã, do Diabo, de Lúcifer e das outras nomenclaturas atribuídas ou relacionadas ao mesmo são historicamente construídas e permanecem em movimento.

Em 1970, grupos aproximaram-se de Satã e nomearam a si enquanto Satanistas, apreendendo positivamente o que para outros, naquele mesmo contexto, era uma figura de medo. De forma geral, para os Satanismos do período, sejam teístas ou não-teístas, Satã é símbolo de oposição e questionamento em relação a determinados valores cristãos, mas não somente. O cinema de terror representa tais grupos e, por vezes, constrói uma imagem de Satã descontínua, na qual identificam-se uma pluralidade de referências sociais, religiosas e culturais. Portador do potencial de invocar leituras e discussões que perturbam o *status quo*, o cinema de terror é o gênero no qual localizam-se os debates aqui levantados, assim como suscita “[...] questões culturais e políticas, de crítica e de estética” (SÁ, 2017, p. 08).

Bibliografia

- CARREIRO, Rodrigo. Sobre o som no cinema de horror: padrões recorrentes de estilo. **Ciberlegenda**, v. 01, nº24, 2011, p.43-53.
- CERTEAU, Michel de. **La debilidad de creer**. Buenos Aires: Katz, 2006.
- CHEVALIER, Jean. **Diccionario de los Simbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

³⁶ “Hail, oh prince of the abyss. In thy name, let us behold the father. The ram of the sun, the moon, the stars. Hail, oh deathless one” (THE DEVIL’S RAIN, 1975, 00:55:53). A fala de Corbis possui semelhanças com a especificação da fala do celebrante em *The Satanic Rituals* (1972), especificamente na *Ceremony of the Nine Angles*: “Hail, ram of the Sun and deathless one, who sleepest not while we honor thy name and thy bond” (LAVEY, 1976 [1972], p. 99).

- FAXNELD, Per. **Satanic Feminism: Lucifer as the Liberator of Woman in Nineteenth-Century Culture**. New York: Oxford University Press, 2017.
- HAIL SATAN? Dirigido por Penny Lane. USA. Produzido por Lori Cheatle, Nickolas Hasse, Nicolas Luna, Gabriel Sedgwick e Hard Working Movies. Dist. Magnolia Pictures e Alambique Destilaria de Ideias, 2019, (95 min.).
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001
- LAP, Amina Olander. Categorizing Modern Satanism: an Analysis of LaVey Early Writings. In: FAXNELD, Per; PETERSEN, Jesper Aa. **The Devil's Party: Satanism in Modernity**. New York: Oxford University Press, 2013.
- LAVEY, Anton. **The Satanic Bible**. New York: Avon Books, 2005.
- LAVEY, Anton. **The Satanic Rituals**. New York: Avon, 1976.
- LINK, Luther. **O Diabo: a máscara sem rosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do Diabo: séculos XII-XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.
- NAZÁRIO, Luiz. O outro Cinema. **Aletria: Revista de estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 16, jul.-dez. 2007, p. 94 -109.
- PETERSEN, Jesper Aa. Introduction: Embracing Satan. In: PETERSEN, Jesper Aa. (ed.) **Contemporary Religious Satanism: a critical anthology**. New York: Ashgate, 2009.
- PETERSEN, Jesper Aagaard. Bracketing Beelzebub: Introducing the Academic Study of Satanism. **International Journal for the Study of New Religions**, United Kingdom, v. 4.2, 2013, p. 161-176.
- SÁ, Daniel Serravalle. Prefácio Expressões do Horror. In: MARKENDORF, Marcio; RIPOLL, Leonardo (orgs.). **Expressões do horror**. Florianópolis: Biblioteca Universitária Publicações, 2017.
- THE BROTHERHOOD OF SATAN. Dirigido por Bernard McEveety. Roteiro de L.Q. Jones e Sean MacGregor. USA. Produzido por Columbia Pictures Corporation, Four Star Excelsior e LQ/JAF. Dist. Columbia Pictures Corporation, 1971, (92 min.).
- THE DEVIL'S RAIN. Dirigido por Robert Fuest. Roteiro de Gabe Essoe, James Ashton e Gerald Hopman. USA/MEX. Produzido por Sandy Howard Productions. Dist. Ryanston Distributing, 1974, (86 min.).
- XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

Aceito em 24/11/2019